

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTORIA
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDIGENA DO SUL DA MATA
ATLANTICA GUARANI, KAIGANG E XOKLENG
TERMINALIDADE- LICENCIATURA EM HUMANIDADES- ENFASE EM
DIREITO INDIGENA
ACADEMICO: MARCOS MOREIRA
ORIENTADOR: ALDO LITAIFF

VISÃO GUARANI SOBRE O *TEKOA*:

Relato do pensamento dos anciões e líderes espirituais sobre o
território

Florianópolis, 30 de janeiro de 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 30 dias do mês de janeiro do ano de dois mil e quinze, às 14 horas, na Sala 309 Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador Aldo Litaiff e Presidente, Professor Lucas de Melo Reis Bueno Titular da Banca, e Professor, Diógenes Edígio Cariaga Suplente, designados pela Portaria nº 05/HST/15 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Marcos Morreira, subordinado ao título: "A Visão Guarani sobre Tekoa: Território Guarani". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Lucas de Melo Reis Bueno, a nota final 8,0, do Professor Diógenes Edígio Cariaga Suplente, a nota final 8,0, e do Professor Aldo Litaiff, a nota final 8,0; sendo aprovado com a nota final 8,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 30 de janeiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Aldo Litaiff

Prof. Diógenes Edígio Cariaga

Prof. Lucas de Melo Reis Bueno

Candidato Marcos Morreira



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Marcos Morreira, matrícula n.º 11100082, entregou a versão final de seu TCC cujo título é VISÃO GUARANI SOBRE O TEKOA: Relato do pensamento dos anciões e líderes espirituais sobre o território, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 19 de março de 2015.

Assinatura manuscrita do orientador, escrita em tinta preta sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)

SUMÁRIO:

Apresentação

1. Introdução

2. Descrição do contexto histórico e etnográfico: como são as aldeias, como vivem os Guarani nestas comunidades

3. CONVERSAS E INFORMAÇÕES DOS SÁBIOS GUARANI DAS COMUNIDADES: análise dos dados

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5. Referências bibliográficas

Anexos

RESUMO:

Esta pesquisa visa falar sobre a visão Guarani sobre o território, com isso pretendo colocar na escrita a fala da oralidade dos anciões e líderes espirituais que buscam e repassam o conhecimento da crença e da tradição milenar do povo guarani. Descrever essa visão de como é o significado e a importância do nosso território para o povo Guarani, que se assemelham o bem viver com a natureza. Essa dificuldade que todos os povos indígenas enfrentam diante da política etnocêntrica. Desde antigamente o modo de ser Guarani é andar pelo espaço guiado pelos deuses, sendo liderados pelas lideranças espirituais a beira mar, procurando a terra perfeita para a gente viver e manter a nossa vida espiritual.

PALAVRAS-CHAVE:

Índios Guarani, território, territorialidade e terra (tekoa).

APRESENTAÇÃO

Meu nome original é KARAÍ VERÁ YVYDJU da etnia Guarani, em brasileiro é MARCOS MORREIRA, atualmente sou professor do ensino médio e orientador pedagógico da escola indígena ITATY, na aldeia a qual onde moro. Nasci na terra indígena CACIQUE DOBLE, município de CACIQUE DOBLE mesmo, RIO GRANDE DO SUL no dia 24 de novembro de 1982. Sou filho de DÁRIO TUPÃ MOREIRA E DE DORALINA PEREIRA. Em 1998 minha família mudou-se para canta galo R.S. que se chama tekoa jataíty, lá estudei até o ensino médio, em 2000 aos 18 anos de idade fui contratado pela Secretaria de educação do estado do Rio Grande do Sul como professor bilíngüe para trabalhar nessa aldeia. Onde na época não tinha uma estrutura física para lecionar. Mas trabalhei em um espaço pequeno de quatro (4²) metros quadrado, cedido pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) onde funcionava um pequeno escritório do chefe da FUNAI. Em 2003 entrei no curso de magistério guarani da região sul e sudeste do Brasil KUAA- MBO'E) CONHECER- ENSINAR. Hoje sou formado no magistério. No final de 2004 mudei para terra indígena guarani Mbiguaçu Yyn Moroti Whera SC, devido ao meu problema de saúde onde eu também conheci meus tios ALCINDO WERÁ TUPÃ E ROSA MARIANI POTY DJA e meus primos na qual nunca tinha conhecido, daí passei a conviver com eles e fui professor do ensino fundamental nessa aldeia na escola indígena de ensino básico WHERA TUPÃ – POTY DJÁ, eles é que me passaram muitos conhecimentos e sabedoria da minha cultura. No final de 2010 iniciou- se mais um desafio na minha vida foi quando fiz o vestibular para cursar a Licenciatura Intercultural do Sul da Mata Atlântica Guarani, Kaigang e Xokleng na Universidade Federal de Santa Catarina. E tendo uma excelente classificação então passei a fazer parte da primeira turma guarani graduando em uma licenciatura.

1 - INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa falar sobre a visão Guarani sobre o território, com isso pretendo colocar na escrita a fala da oralidade dos anciões e líderes espirituais que buscam e repassam o conhecimento da crença e da tradição milenar do povo guarani. Descrever essa visão de como é o significado e a importância do nosso território para o povo Guarani, que se assemelham o bem viver com a natureza. Essa dificuldade que todos os povos indígenas enfrentam diante da política etnocêntrica. Desde antigamente o modo de ser Guarani é andar pelo espaço guiado pelos deuses, sendo liderados pelas lideranças espirituais a beira mar, procurando a terra perfeita para a gente viver e manter a nossa vida espiritual. Nhande kuery ete'i ikuai vy uguata okua py vy yy he'ê rembe re yvy rupi nhandemoi opita'i va'e rembukuaa rupi oeka okua py yvy marae'y ikuai pora'î água.

O objetivo geral desse trabalho é apresentar a visão guarani sobre o *tekoa*, o território indígena, através da concepção do mundo guarani. Os objetivos específicos são: pesquisar a visão dos sábios dos líderes espirituais (karai kuery, kunha karai kuery) sobre o *tekoa*; fazer levantamento das principais referências bibliográficas sobre o assunto; buscar o conhecimento arqueológico, especificamente, as inscrições rupestres, como, por exemplo, os da Ilha do Campeche.

No processo de mudança que vem acontecendo ao longo desses anos de colonização e o crescimento do mundo capitalista, e nos estamos exprimidos a essa ideologia etnocêntrica. Hoje, agora é preciso escrever no papel e registrar a fala dos nossos anciões, anciãs e sábios a concepção e visão que ninguém jamais terá a sabedoria de como os nossos territórios é feita e, por que. Hoje o nosso movimento que acontecia antigamente, hoje não acontece mais. Antes da chegada dos europeus tínhamos e almejávamos aventuras ao cumprimento da lei divina no processo ao caminho do YVY MARAE'Y (terra sem males). Após a chegada dos europeus desestruturaram toda a organização social do povo Guarani, interrompem e chegam ao momento em que agora

temos a terra, mas que é limitado. A partir disso vejo uma ansiedade dos anciões de contar falar de como é a nossa visão em relação quando se pensa em território ao NHANDEREKO dentro do nosso sistema de visão. Também temos muitas referencias bibliográfica, principalmente: Curt NIMUENDAJU Unkel, Alfred METRAUX, Francisco S. NOELLI, Bartomeu MELIÁ, Maria Inês LADEIRA, Aldo LITAIFF.

A metodologia e técnica utilizadas neste TCC., foram as seguintes: principalmente a pesquisa de campo – observação participante; entrevista diariamente os sábios e os anciões e anciões guarani, xeramoî kuery, sendo que essas entrevistas foram filmadas. Transcrever as entrevista em língua guarani em português. Fazer pesquisas bibliográficas na biblioteca da UFSC e no NEPI (Núcleo de Estudos dos Povos Indígenas). Pontuei e identifiquei os lugares pesquisados através de atividade de campo com os alunos da escola de Morro dos Cavalos. Visitarei a ilha do Campeche, onde existem inscrições rupestres. Apresentarei um vídeo durante a defesa do TCC. Com a minha pesquisa pretendi cooperar com o processo demarcatório das nossas terras para a importância dos espaços físicos e reprodução física do nosso povo e também de poder a sociedade e governos entender a nossa transição livremente em nossos territórios com a virtude de um povo que sempre adquiriu a luta em defesa e na preservação do meio ambiente em que vive. Sempre levando em geração a geração o cumprimento da lei divina o nhandereko (nosso sistema) de ver e entender o nosso pensamento de como é a nossa concepção sobre o mundo em que vivemos.

2 – CONTEXTO PESQUISADO (quem são os Guarani, qual a sua história)

Pertencentes à família Tupi-Guarani do tronco lingüístico Tupi, os Guarani¹ constituem uma das sociedades indígenas brasileiras mais numerosas. Atualmente, a população Guarani no Brasil é de cerca de 50.000 indivíduos, destes, menos da metade vivendo junto aos postos indígenas, pois, até recentemente não possuíam quase nenhum aldeamento definitivo, sendo comum encontrá-los ainda hoje em pequenos grupos circulando pelas rodovias do país. Mesmo assim eles procuram se isolar, buscando o mínimo de contato com a sociedade nacional. Existem hoje quatro grupos guarani localizados na América do Sul: *Chiriguanos* na Bolívia (60.000 indivíduos), *Kayowa* (40.000), *Chiripa* ou *Nhandeva* (30.000) e *Mbya*² (30.000), distribuídos na região centro oeste, sul e sudeste do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Os Guarani, que historicamente eram denominados *Carijo*, habitavam a costa atlântica, desde a Barra da Cananéia até o Rio Grande do Sul (onde era o grupo mais numeroso), a partir daí até os rios Paraná e Paraguai. No litoral sul e sudeste brasileiro encontra-se atualmente uma grande concentração de *Mbya* e de *Chiripa*, habitando o território onde viveram seus ancestrais *Carijo*, até seu desaparecimento no século XVII. Estes lugares são importantes pontos de referência histórica e mitológica, uma vez que eles ainda conservam seus “nomes Guarani”, topônimos que se referem à cosmologia e à descrição geográfica destes locais. Estes índios continuam então fiéis ao seu território de origem, procurando se estabelecer nos mesmos *amba*, ou seja, lugares ou espaços criados e deixados por Deus para serem ocupados por eles. Ressaltamos que estes *amba* estão localizados nos mesmos limites geográficos observados pelos cronistas durante a conquista (Litaiff, 1996).

Os Guarani atuais intensificaram seus deslocamento populacionais em direção ao litoral

¹ A designação “*Guarani*” foi dada pelos Jesuítas no século XVII a certos grupos indígenas da região platina.

² Como ocorre na maioria dos povos indígenas, “*Mbya*” ou “*Mbüa*”, significa “gente”. Segundo Schaden (1969: 83), existe grande confusão quanto aos nomes dos vários grupos em que se dividem os Guarani, por este motivo adotamos esta nomenclatura em obediência ao que estabelece a convenção sobre a grafia de nomes tribais firmada por ocasião da Primeira Reunião Brasileira de Antropologia, 1953, Rio de Janeiro”.

do Brasil no início do século XX, provenientes do interior da América do Sul (Paraguai, Argentina e do estado brasileiro do Mato Grosso do Sul), forçados pela invasão de suas terras por colonizadores, pelos conflitos com outros autóctones, e, principalmente, em busca de *Yvy mara ey*, a “Terra sem Mal”. Os Mbya, que outrora habitavam exclusivamente as florestas do sul da América do Sul, atualmente circulam também sobre as rodovias, visitando parentes, procurando terras, vendendo o artesanato que produzem e/ou buscando trabalho sazonal. Tanto no litoral como no interior dos estados do sul e do sudeste do Brasil, os Mbya e os Chiripa têm sido vizinhos, por vezes coabitando uma mesma área, em razão de suas semelhanças culturais (Litaiff, 1996). O Guarani, e em particular o Mbya, é um desterrado, um estrangeiro em seu próprio território.

DESCRIÇÃO DAS ALDEIAS PESQUISADAS

Segundo o documento “Os Índios Guarani Mbya e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro”, apresentado na XXII Reunião Brasileira de Antropologia, no Fórum de Pesquisa 3: “Conflitos Socioambientais e Unidades de Conservação, ocorrida em Brasília em 2009, por Litaiff e Darella, o litoral de Santa Catarina é parte integrante do território tradicional guarani, sendo que os arqueólogos Fernando La Salvia e José Proença Brochado (1989: 163) esclarecem: "A área na qual foram identificados sítios com cerâmica Guarani forma um bloco maciço de aproximadamente 1.200.000 km², situado entre a costa Atlântica e o Rio Uruguai, e estendendo-se do Trópico de Capricórnio até o Rio da Prata."

Já durante o transcorrer do século XVI, se somaram aos sítios arqueológicos da tradição Tupiguarani ou Guarani - testemunhos da ocupação Guarani mais antigos dos quais se tem conhecimento -, os relatos de viajantes, cronistas, aventureiros, náufragos, religiosos. O período colonial inaugurou, assim, uma espécie de complementação dos registros que destacaram a existência de aldeias de índios Guarani, descreveram usos e costumes, comprovando a presença desse "outro" através de documentos, cartas, relatos, desenhos. Esse material foi produzido por pessoas que aportaram e/ou viveram no

litoral de Santa Catarina ou por terceiros, podendo-se citar Binot Paulmier de Gonneville, Aleixo Garcia, Sebastião Caboto, Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, Hans Staden, Juan de Salazar y Spinoza, Pedro Ortiz de Zárate, dentre outros, que certamente acrescentaram informações quanto à existência ou ao modo de vida dos Guarani. Gabriel Soares de Souza também auxiliou nessa contextualização, elaborando o Tratado Descritivo do Brasil em 1587.

Sendo os que povoavam o litoral no século XVI e os primeiros contatados no litoral sul, os Guarani foram alvo de intenso intercâmbio comercial, escravização, catequização, apresamentos, deslocamentos, guerras, doenças, epidemias e cobiça, causando significativa diminuição da população ou “depopulação”, mas não sua extinção. Os novos limites, cerceamentos e imposições causaram transformações e recriações do "modo de ser" Guarani, acentuando a identidade e a liberdade, aprofundando a “cataclismologia” e a fala profética dos Karai.

Partindo do trabalho intitulado “Terra indígena Morro dos Cavalos: acordos políticos ignoram direitos e ameaçam a integridade do povo guarani do litoral de Santa Catarina, a equipe do CIMI/SUL/Florianópolis (Clovis Antonio Brighenti e Osmarina de Oliveira), há pelo menos três anos e cinco meses a comunidade indígena Guarani da Terra Indígena Itaty ou Morro dos Cavalos, aguarda a assinatura da Portaria Declaratória da referida Terra Indígena, pelo Ministro da Justiça (o prazo legal para a decisão é de 30 dias). Porém os acordos políticos estão colocando os direitos indígenas em segundo plano e ameaçando a integridade da comunidade Guarani. Praticamente todos os aspectos constatados na resistência do Ministério da Justiça em assinar a Portaria Declaratória desta Terra Indígena são aplicados às demais terras indígenas no estado de Santa Catarina, porém é preciso considerar algumas particularidades utilizadas pelos setores contrários à demarcação, para justificar a não-demarcação desta terra. Essas particularidades somente são relevantes pela ausência de vontade dos órgãos competentes do governo federal em equacionar definitivamente os problemas que envolvem as demarcações nesse estado. Os elementos antropológico que fundamentam a tradicionalidade da ocupação do grupo indígena envolvido estão todos contemplados no relatório circunstanciado de identificação e delimitação, elaborado pela antropóloga Maria Inês Ladeira, mediante Portaria nº 838 PRE/Funai de 16 de outubro de 2001 e

Portaria nº 622 de 24 de junho de 2002. Os questionamentos à demarcação não são de caráter antropológico, histórico ou jurídico, são fundamentalmente políticos, conforme ficará demonstrado.

Em Outubro de 1993 a FUNAI emitiu a Portaria nº 973/PRES, constituindo o Grupo Técnico para “identificação e delimitação da TI Morro dos Cavalos”, coordenado pelo antropólogo Wagner de Oliveira. Apesar de estar finalizado em 1995, o relatório foi submetido às novas regras de identificação e delimitação definidas a partir da publicação do Decreto 1775 em Janeiro de 1996. As adequações foram concluídas no ano 2000. Porém o estudo foi recusado pela comunidade indígena por não ter participado do processo e por não se sentir contemplada na sua necessidade, ou seja, a maior parte das terras tradicionalmente ocupadas pela comunidade ficou fora da delimitação. No dia 17 de Julho de 2000 a comunidade Guarani enviou, por escrito, suas razões ao Sr. Valter Coutinho, chefe do Departamento de IEID - Departamento de Identificação e Delimitação, FUNAI, atual CGID – Coordenadoria Geral de Identificação e Delimitação. Segundo a equipe do CIMI/SUL/Florianópolis, o documento relata que no mês de Agosto de 2000 o coordenador do DEID/Funai, voltou a solicitar a anuência da comunidade. Novamente a comunidade recusou os estudos e verbalmente teceu as argumentações em contrário. A terra proposta pela Funai era 121,8 ha, abrangendo apenas terra de morro. Diante da recusa da comunidade indígena o estudo teve que ser refeito. No dia 16 de Outubro de 2001 a Funai emitiu a Portaria nº 838 PRES/FUNAI constituindo o Grupo Técnico, coordenado pela antropóloga Maria Inês Ladeira. Esse estudo foi concluído em dezembro de 2002, aprovado pela Funai e publicado no DOU - Diário Oficial da União em 18 de Dezembro de 2002 e no DOE - Diário Oficial do Estado em Março de 2003.

3 – CONVERSAS E INFORMAÇÕES DADAS PELOS DAS COMUNIDADES E ANALISAR DOS DADOS

Na nossa visão espiritual todo o espaço onde NHANDERU criou é nosso é a riqueza do povo guarani. A TERRA É PARA NÓS CUIDAR, somos guardiões do universo somos um povo em que NHANDERU confia por isso deu toda a sabedoria e conhecimento de como cada elemento surgiu, a humanidade plantas sagradas pássaros enfim tudo.

Quando cantamos e rezamos, estamos reverenciamos à NHANDERU, e seus guardiões, TUPÃ, NHAMANDU, JAKAIRA, KARAI por tudo que ele nos ensinou para sobreviver, alegria, sentimentos, amor, tranquilidade, a sabedoria de falar somente a verdade e o necessário na vida, respeito aos outros, e repassar, praticar a tradição na oralidade e também o nossa regra da palavra escrita na oralidade, de hoje termos a linguagem falada pelos homens, mulheres, crianças, tcheramoi, tchedjaryi. A linguagem de falar com os espíritos das plantas medicinais, frutas, e sementes que plantamos a forma de falar com o NHANDERU E NHANDE CHY. E principalmente a nossa organização social. Tudo isso praticamos em nosso espaço físico e espaço cosmológico. As antigas aldeias e atuais estamos por onde nossos antepassados sonharam ou terra revelada por NHANDERU para que ali pudéssemos viver e praticar tudo que nossos ancestrais por algum momento rezaram para que nós hoje continuássemos á reverenciar por tudo e por todos. Quando rezamos. Rezamos para as quatro direções ao céu e a terra ao pai sol a NHANDERU e NHANDE TCHY , quando vamos ocupar os espaços físicos pedimos licença para o guardião daquele lugar, que cuida daquele espaço, ao guardião da agua, para que assim nós possamos se usufruir da natureza. Todos os lugares para formar um tekoa e construir o nosso koty são lugares revelados pelos nossos anciões e líderes espirituais: "cada povo tem seu jeito de contar a sua própria historia, cada um conta do seu jeito, a nossa historia guarani além da escrita com lápis ou caneta, esta registrada na natureza e nos nossos costumes (ORE REKO). cada povo tem o jeito de olhar para as coisas. Nós Guarani, temos o nosso jeito" texto tirada do livro Antunes, Adão (palavra do xeramoi)

Quando se fala do território guarani, estamos falando de espaço, tempo, convivência, terra, animais, plantas medicinais, deuses e da crença, ou melhor o nosso yvy rupa (território ou berço da terra), tudo junto. O filho de NHANDERU o NHAMANDU que criou o povo guarani que deu o ARANDUA (sabedoria e conhecimento) para que pudesse até hoje praticar o NHANDE REKO (nosso sistema), desde o significado de ocupação territorial de ter o respeito e manejo sobre a natureza. Deu a sabedoria de como manejar a agricultura, a origem de cada tipo de sementes para plantar de como praticar vários tipos de danças tradicionais, cantos para as crianças, cantos de reverenciar os deuses, cantos de ninar, cantos para consagração das sementes para serem plantadas e nas colheitas, rezo somente cantada no axojava ropy (casa de reza). No batismo, cantos em agradecimentos a NHANDERU ETE (Deus, Pai verdadeiro aquele que nos enviou aqui na terra) e NHANDE XY (nossa Mãe verdadeira) e a seus guardiões por tudo que ele nos deu. Cantos em diferentes cerimônias, rezas cantadas na morte explicando melhor na sua passagem da vida material para espiritual também para a vida de cada um. Rezo pela água, pelo TATAENDY REKOE (Fogo Sagrado) por que tem nos mantido vivo até hoje é o fogo ela é o nosso espírito. Até mesmo para as quatro dimensões do universo, água, fogo, terra e ar. São de extrema importância para todos os seres que vivem na terra e espaço. Também deu conhecimento e sabedoria da origem do universo, constelações e de sua morada KOTY YVYDJU. Do mar PARAGUAXU, de como fazer nossas casas, nossos alimentos. Em que estação do ano devemos plantar, em que lua é bom plantar as sementes que são consumidas? Deu a sabedoria para saber a hora de se levantar, dormir e comer as refeições. A educação de comportamento das meninas e meninos, as regras e atividades para ambos. As regras para caça e pesca enfim tudo aquilo que praticamos até hoje. Desde nossos ancestrais estes conhecimentos e sabedoria vêm de geração a geração. Mas em cada momento e época de cada geração é diferente uns dos outros, por que cada geração vem com conhecimento mais avançados para se adequarem em diferentes épocas, devido às mudanças de tempo e climas. Assim acompanhar as mudanças que acontecem no tempo e na natureza. "Cada época era uma época". Para entender melhor cada estação de anos o NHANDERU e seus GUARDIÕES que estão na ordem do NHANDERU, eles também estudam sobre o universo de como melhorar cada vez mais tudo aquilo que eles geraram. Porque eles também têm seu mundo onde eles vivem o yvydju ou mesmo já mencionei o KOTY YVYDJU (morada dos deuses). Então, quando o povo guarani fala sobre territorialidade, fala do mundo onde vive e do cosmo, nada fica separado um do outro,

pois é uma visão “holística” do mundo (Litaiff, 1991). Para os Guarani os espaços da terra são para vivenciar todos estes ensinamentos dentro da nossa tradição. Durante a ocupação guarani no seu território são marcadas através de plantas sagradas que é plantadas pelos xeramoí kuery onde se estalam para formar o TEKOA (aldeia ou fazer vida nova) ali formar sua organização social o TEKÓ (vida guarani) NHANDE REKO (nosso sistema) ORE REKO (nosso costume). Dessa forma salientavam a iniciar o TATAYPY RUPA RÃ (futura aldeia berço para cama do fogo sagrado), onde ia ser aceso o fogo sagrado. Na visão guarani essa é a forma verdadeiramente chamado lugar ou aldeia. Nesse momento a dedicação à espiritualidade de manter a crença e sempre na busca da terra sem males (yvydju, yvy marae'y), sempre chegar ao lugar sagrado onde reverenciavam para NHANDERU, NHANDEXY, para serem levados pelo NHANDERU de volta ao seu lugar de onde viemos. Este conhecimento jamais os não índio vão compreender e entender a nossa visão e pensamento que temos sobre o território e a territorialização guarani que é além do imaginário. É o lugar visto hoje nas inscrições rupestres, ali são marcadas varias gerações que passaram e registradas. Para cada geração que ali alcançava era deixada a sua historia para que as próximas gerações cheguem a esse lugar e lerem a sua história escrita através de símbolos.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É necessário entender claramente que existe panorama de governo para o reconhecimento dos direitos consuetudinário dos povos indígenas de reivindicar a nossa terra que tradicionalmente ocupamos ou aqueles que de fato são nosso já desde antes da invasão dos europeus em nossos territórios. Também de prevalecer cada vez mais os nossos direitos, garantida pela constituição federal ou chamada de carta magna. Mas na realidade em que vivemos muitas das vezes a sociedade e governos exigem comprovação de estudos de que aquele território lhe foi e que é daquele povo. Nota-se também a luta dos xeramoí kuery juntamente com as lideranças políticas e instituições movimentos indígenas para garantir os nossos territórios. E a ferramenta mais importante de todo esses processos de luta, é a fala e o pensamento dos xeramoí kuery, por que eles são os pilares de todo o conhecimento e sabedoria do cosmo visão que visa á sobre sair de um processo demarcatório do nosso povo. Assim garantindo o nosso legado da nossa cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CLASTRES, Hélène. *La terre sans mal, le prophetisme tupi-guarani*. Éditions du Seuil, Paris, 1975.

DÍAZ-MARTÍNEZ, Noemi. « La migration *mbya* ». In: *Dédalo*. Número 24, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 1985.

LADEIRA, Maria I. M. *O Caminhar Sob a Luz. O Território Mbya e a beira do oceano*. Programa de Pós-graduação em Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.

LITAIFF, Aldo. *Representações Étnicas dos Mbya-guarani do Rio de Janeiro*. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

MELIÀ, Bartomeu. « A Terra sem Mal dos *Guarani*, economia e profecia ». In: *Revista de Antropologia*, vol. 33, Faculdade de Ciências Humanas, Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

MÉTRAUX, Alfred. *Migrations historiques des Tupi-guarani*. Maison-neuve frères, Paris, 1927.

MONTOYA, Antônio Ruiz de. *Conquista Espiritual*. Martins Livreiro Editor. Porto Alegre, 1985 (1639).

SCHADEN, Egon. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

ANEXOS:**ANEXO 1****SITUAÇÃO FUNDIÁRIA DAS TERRAS INDÍGENAS GUARANI NO
ESTADO DE SANTA CATARINA**

N°	Terra indígena/aldeia	Município	População	Famílias	Hectares	Situação jurídica atual	
1	Cachoeira dos Inácios/ Marangatu	Imaruí	105	21	67	Regularização fundiária em fase de finalização	Terra Indígena do Gasodômetro A ser criada de áreas de responsabilidade Aguardando (em análise)
2	Massiambu	Palhoça	05	01	4,5	Área seqüestrada judicialmente	Estudo preliminar A ser criada pela FUNAI
3	Morro dos Cavalos	Palhoça	99	19	1.988	Delimitação aprovada pela FUNAI em 2002	No aguardo do Ministério da Justiça homologação em termos de 17/02/2003
4	Cambirela	Palhoça	25	5		Sem providência	A ser criada pela FUNAI
5	Mbiguaçu	Biguaçu	105	28	59	Área homologada. REG CRI E SPU. (05/05/2003)	Falta o Registro A ser criada de áreas de responsabilidade

6	Tekoá Itanhaem	Biguaçu	25	5	216	Regularizada	Área ind mitigador DNIT/FU
7	Amâncio / Yvy Ju	Biguaçu	20	6		Sem providência	A ser cria pela FUN.
8	Kuri'y	Biguaçu	71	18		Regularizada	Área ind mitigador DNIT/FU
9	Tava'i	Canelinha	35	8		Regularizada	Área ind mitigador DNIT/FU
10	Pindoty	Araquari	31	4		Em processo demarcatório	Relatório análise p Jabuticab
11	Conquista	Balneário Barra do Sul	37	6		Em processo demarcatório	Relatório FUNAI.
12	Jabuticabeira	Araquari	27	6		Em processo demarcatório	Relatório FUNAI.
13	Yvapuru	Araquari	40	9		Em processo demarcatório	Relatório FUNAI.
14	Tarumã	Araquari	25	4		Em processo demarcatório	Relatório FUNAI.
15	Tiaraju / Piraí	Araquari	64	18		Em processo demarcatório	Relatório FUNAI .
16	Morro Alto	São Francisco do Sul	81	19		Em processo demarcatório	Relatório FUNAI .
17	Reta	São Francisco do Sul	32	5		Sem providência	A ser cria pela FUN.
18	Yakã Porã	Garuva	37			Sem providência	A ser cria pela FUN.
19	Toldo	José Boiteux Vitor Meireles Doutor	127	30			A comun mas reivin

		Pedrinho					
20	Bugio	José Boiteux Vitor Meireles Doutor Pedrinho	47	10			A comun mas reivin
21	Limeira	Entre Rios	114	32			A comun povo Kain
22	Araçai	Saudades / Cunha Porã	71		2.721	Área com portaria declaratória do Ministério da Justiça (19/04/2007).	Os grupos (Kaingang)
23	Morro Grande	Morro Grande	?????			Em regularização	Área ind mitigador

Obs.: 1. Os dados são referentes aos ano de 2013, não atualizado. 2. O processo demarcatório de terras indígenas no Brasil está definido pelo Decreto 1.775/96, que apresenta as seguintes etapas:

- identificação (terra indígena a ser estudada ou em estudo pela Funai,);
- delimitação (limites aprovados pela FUNAI, publicados no Diário Oficial da União e no Diário Oficial do Estado);
- declaração (limites reconhecidos pelo Ministério da Justiça, viabilizando a demarcação física da área);
- homologação pelo Presidente da República e
- regularização (registro no cartório de registro de imóveis do(s) município(s) e na Secretaria de Patrimônio da União).

Fontes:

- PROCURADORIA DA REPUBLICA NO ESTADO DE SANTA CATARINA (PR/SC) http://www.prsc.mpf.gov.br/estrutura/areas/utc/terras_indigenas_sc.pdf
- *Reunião de Planejamento dos Estudos para Identificação e Delimitação das Terras Indígenas nas Regiões Sul e Sudeste do País – O Contexto Guarani e Tupi-Guarani*, realizada pela CGID/DAF/FUNAI em Brasília/DF, no mês de setembro de 2007.
- PROJETO RONDON – ver a designação oficial da ONG.
- Laboratório de Etnologia Indígena (Museu Universitário/PRCE/UFSC).
- Site: Instituto Socioambiental (ISA – São Paulo).
- Site: Centro de Trabalho Indigenista (CTI – São Paulo, Brasília).
- Decreto 1.775/1996.

ANEXO 2:

Esquema Cosmológico Guarani

(Aldo Litaiff)

